

## ESCRITAS DA CIDADE E OS CRONISTAS DO RIO: IMAGENS INTERPRETATIVAS ÀS MINIATURAS METROPOLITANAS

Moema de Souza Esmeraldo (PUC-Rio)<sup>1</sup>

**Resumo:** Escritores como João do Rio, Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade serão evidenciados a partir das “notícias da cidade” apresentadas em crônicas publicadas em jornais com intuito de proceder à discussão sobre a representação de imagens urbanas. Nesse sentido, o objetivo é evidenciar a relação constitutiva desses escritores com a urbe e a condição de uma escrita jornalística-literária. A análise dos textos dos escritores selecionados remete à proposta de Andreas Huyssen (2015), em *Miniature metropolis*, no sentido de serem exemplos de textos curtos que narram impressões da modernidade a partir das transformações do espaço urbano.

**Palavras-chave:** Cidade; crônicas; miniaturas metropolitanas

“Esse Rio que por sua vez despe a indumentária residual de colônia para vestir-se de praças e avenidas modernas” (DRUMMOND, 1981). Este é um trecho da crônica intitulada *João do Rio na vitrina*<sup>2</sup>, escrita por Carlos Drummond de Andrade em comemoração ao centenário do nascimento do escritor João do Rio, além de ser uma homenagem ao escritor-jornalista, é um ensejo para o levantamento de imagens sobre a história da literatura brasileira relacionada, sobretudo, às transformações da cidade moderna, tendo como foco a cidade do Rio de Janeiro.

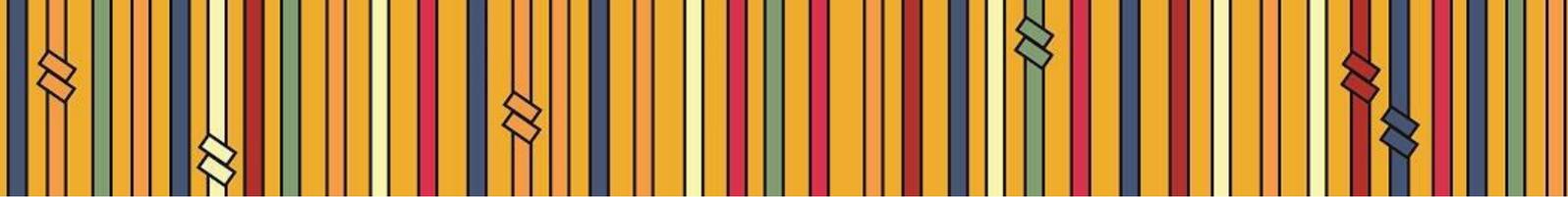
Para Drummond, Paulo Barreto, nome de registro de nascimento de João do Rio, “jovem em busca de afirmação literária” (DRUMMOND, 1981) que assina Claude, transforma-se em João do Rio e modifica-se junto com a cidade em que vive. Assim, o Rio e João do Rio, “possuídos do mesmo frêmito, afirmam-se no sentido de identificação com os estilos de vida simbolizados pelo automóvel, pelo cinema, novidades absolutas na época” (DRUMMOND, 1981).

Nesse contexto de mudanças, o centro urbano do Rio de Janeiro é evidenciado como símbolo de renovação, e, desse modo, a antiga Avenida Central, depois renomeada para Rio Branco, foi ao mesmo tempo símbolo da modernidade e espaço de segregação, pois este espaço foi assinalado pela expulsão do que Drummond define como uma “fauna marginal”, apontado por João do Rio, que cumpriu o papel de investigador impressionista do dia a dia da cidade.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UEG), Mestre em Estudos da Linguagem (UFG), Doutorado em andamento em Literatura, cultura e contemporaneidade (PUC-RIO). Contato: moemaesmeraldo@gmail.com.

<sup>2</sup> Crônica publicada em 13 de agosto de 1981, no “Caderno B”, do *Jornal do Brasil*. Referência retirada do livro “Todas as cidades, a cidade”, do Professor Renato Cordeiro Gomes, do Departamento de Letras da PUC-Rio. Nessa obra, Gomes investiga a legibilidade das cidades a partir de textos de ficção, dedicando um capítulo a uma análise sobre o Rio de Janeiro (Gomes, 1994).



Na gestão Pereira Passos, durante a abertura da Avenida Central, casas foram demolidas e inúmeras pessoas ficaram desalojadas e perderam suas casas. Parte desses trabalhadores, diante da necessidade de permanecer próximo à área central do Rio, passou a ocupar áreas de morro, impróprias para a construção civil. Tal fato contribuiu para o crescimento substancial do número de habitantes das favelas cariocas.

A luxuosa Avenida Central, depois Rio Branco, está cercada de morros onde a pobreza, a bruxaria e a capoeira se entendem como boas comadres. Os malandros e navalha, os cafetões, os bicheiros, os feiticeiros, toda essa fauna marginal vai encontrar em João do Rio o investigador impressionista que depois se volta à face rutilante da cidade, ao registrar o dia de um carioca *up-to-date* (DRUMMOND, 1981).

Assim como João do Rio, Drummond vale-se do exemplo da Avenida Central para pensar aspectos de exclusão ocasionados pela reordenação desse espaço e reflete sobre os impactos das transformações físicas da cidade a partir do cotidiano das relações humanas. Todavia, vale ressaltar que realizam escritas efetivadas em função do jornal ou da “condição jornalística”, que permitiu revelar o olhar desses “cronistas do Rio” como observadores desse momento da nossa história.

Nessa linha de pensamento, este estudo tem a proposta de relacionar a cidade como símbolo determinante da significação do cotidiano, representado em escritas que elaboram imagens da cidade, as quais destacam que a “crônica mundana harmoniza o real com o imaginário” (DRUMMOND, 1981). A despeito disso, no Brasil, pode-se estabelecer uma tradição da crônica urbana que remonta às *Aquarelas* de Machado de Assis e ao *Cinematógrafo*, coluna de João do Rio, que, por exemplo, publicou a crônica *O velho mercado*<sup>3</sup>, que ilustra modificações da cidade. Tais escritores elencaram as mudanças da cidade moderna e a vivência de seus habitantes diante destas transformações. Dando continuidade à escrita jornalística, Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade ocupam posição de destaque na tradição de cronistas urbanos prosadores do cotidiano citadino.

Nos comentários de Drummond sobre João do Rio, a importância da Biblioteca Nacional foi enfatizada, haja vista que esta recordou a mesma data em comemoração a

---

<sup>3</sup>. Texto escrito por Paulo Barreto (João do Rio), publicado no jornal *Gazeta de Notícias*, em 16 de fevereiro de 1908. Na crônica “Velho mercado”, da coluna “Cinematographo” (1907), escreve que: “uma cidade moderna é como todas as cidades modernas”, isto é, todas “têm avenidas largas, squares, mercados e palácios de ferro” (apud GOMES, 1996, p. 13).



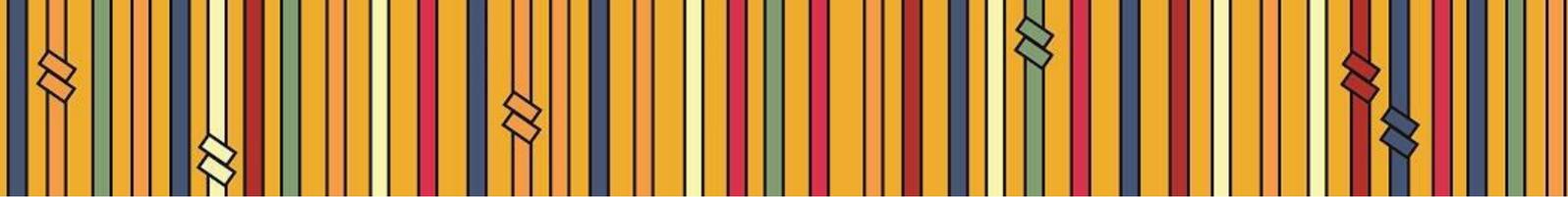
Lima Barreto, e foi citada a oportunidade de visitar a exposição sobre João do Rio, “aula perfeita de história da literatura, através de materiais iconográficos que revivem o escritor na sua individualidade literária e no seu meio físico e social” (DRUMMOND, 1981). A propósito de conhecer a história da literatura brasileira, Drummond lembra o também escritor-jornalista Lima Barreto, por sua escrita entusiasmada a registrar aspectos de mudanças da cidade moderna, em específico a capital carioca, então capital da República do Brasil.

Lima Barreto, assim como João do Rio e Drummond, entre outros escritores brasileiros, exerceu concomitantemente a literatura e o jornalismo em sua vida profissional. Ainda estudante, já colaborava para periódicos; depois, passa a escrever no jornal *Correio da Manhã* (RJ). A produção de Lima Barreto na imprensa de sua época foi reunida, em 2004, em dois volumes, na obra intitulada *Lima Barreto: toda crônica* (RESENDE e VALENÇA, 2004), organizada por Beatriz Resende e Rachel Valença, que recuperaram a atividade jornalística do escritor carioca desde suas primeiras publicações em jornais, revistas e folhetins.

Por também ser um observador crítico do cotidiano, Lima Barreto conseguiu transportá-lo para seus textos com olhos de repórter sensível – o que coincide com o que permite pensar em uma tradição brasileira da relação entre a literatura, o jornalismo e a cidade. Já em relação a João do Rio, assemelha-se a este também pela assiduidade de suas publicações em jornais e pela temática tão bem explorada de crítica às transformações urbanas impostas pelos prefeitos Pereira Passos, Paulo de Frontin, Carlos Sampaio e outros, ligadas à infraestrutura da cidade, os quais buscaram na modernização da cidade simplesmente copiar modelos estrangeiros.

Como exemplo, uma das mais estudadas crônicas de Lima Barreto, intitulada *Ontem e hoje*, notoriamente também elege a Avenida Central como fragmento representativo da cidade e suas transformações advindas da modernidade.

Como todo o Rio de Janeiro sabe, o seu centro social foi deslocado da Rua do Ouvidor para a Avenida e, nesta, ele fica exatamente no ponto dos bondes do Jardim Botânico. La se reúne tudo o que ha de mais curioso na cidade. São as damas elegantes, os moços bonitos, os namoradores, os amantes, os *badauds*, os *camelots* e os sem-esperança. [...] Bem isto e historia antiga[...] Chega o automóvel, um automóvel de muitos contos de reis, iluminado eletricamente, motorista de fardeta. O homem salta (BARRETO, 2004).



Nessa crônica, registra-se o deslocamento do ponto de efervescência cultural do Rio de Janeiro do início do século XX: a Rua do Ouvidor cede lugar para a Avenida Central. O autor, na realidade, faz uma antecipação daquilo que aconteceria num curto espaço de tempo: as ruas escuras e apertadas (Rua do Ouvidor) cederiam lugar para espaços que seriam como local de desfile de uma nova classe, sedenta por expor o último modelo parisiense. Mesmo diante de um modelo inspirado em ares europeus, o carnaval aparece como elemento diferenciador, comenta-nos Lima Barreto na crônica *Vestidos modernos*, publicada no periódico *Careta*, em 22 de julho de 1922 e posteriormente no livro *Marginália*, em 1953:

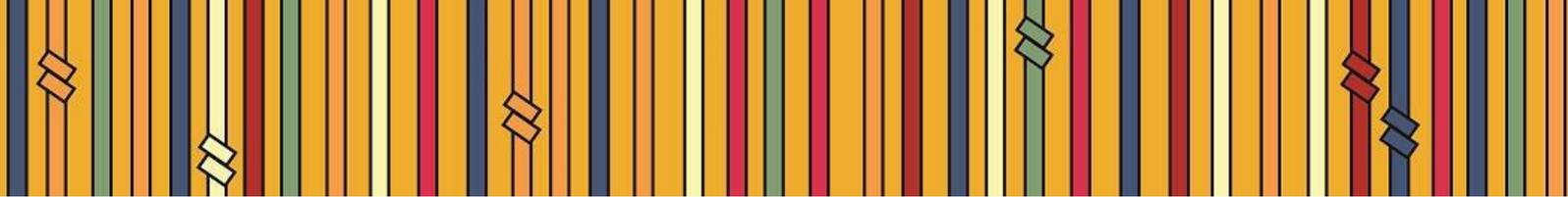
Nunca foi da minha vocação ser cronista elegante; entretanto, às vezes, me dá na telha olhar os vestidos e atavios das senhoras e moças, quando venho à Avenida. Isto acontece principalmente nos dias em que estou sujo e barbado.

Há dias, saindo de meu subúrbio, vim à Avenida e à rua do Ouvidor e pus-me a olhar os trajas das damas. Olhei, notei e concluí: estamos em pleno Carnaval.

Assim, utilizou a cidade e suas transformações como foco de sua escrita, e a multidão e a individualidade, ao mesmo tempo, são destacadas como características fundamentais da modernidade. Na verdade, Lima Barreto, João do Rio e o próprio Carlos Drummond de Andrade experimentaram certo fascínio por essa famosa rua, conhecida, na época, como Avenida Central. Espaço onde passeavam artistas, camelôs, mendigos e *flâneurs*. De modo particular, produziram crônicas que falavam da cidade, e para isso, muitas vezes, escreveram sobre confeitarias, com elegantes frequentadores, ou sobre noites no luxo do Lírico, com seu esplendor de belas mulheres, ao mesmo tempo em que não concordavam com as modificações do perímetro urbano em nome de uma nova ordem.

Esse mesmo cenário congrega conflitos sociais nutridos de mordaz senso de observação: João do Rio, Paulo Barreto e Lima Barreto, principalmente, em suas crônicas, foram críticos severos das transformações por que o Rio passava, as quais, segundo eles, em nome da modernidade, retiravam da cidade sua verdadeira alma.

O Rio de Janeiro, na citada época – início do século XX, recém-proclamada capital da República –, em meio as suas profundas transformações – promovidas pela



reforma urbana de Pereira Passos na região central da cidade –, é o pano de fundo da obra de dois grandes cronistas: Lima Barreto e João do Rio. A Reforma Pereira Passos, também conhecida, à época, por *Bota Abaixo*, instaurava o período conhecido como *Belle Époque*, marcado por ares europeizados do Centro da cidade; neste período, acreditava-se que o Rio de Janeiro apresentava-se como a Paris dos Trópicos.

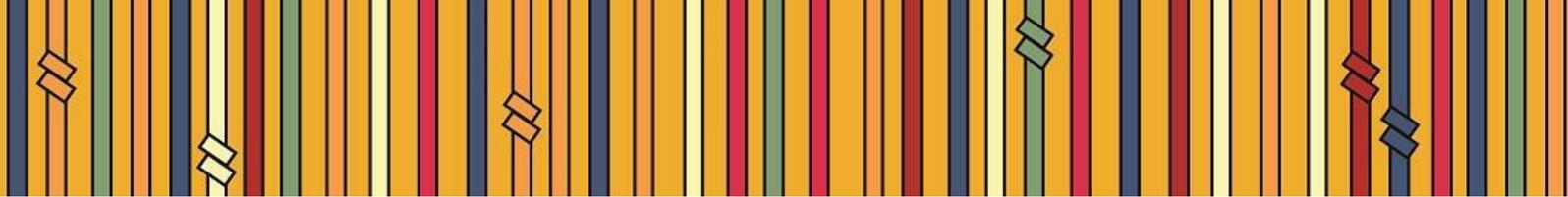
João do Rio afirma, na crônica *Quando o brasileiro descobrirá o Brasil?*, selecionada para compor seu livro *Cinematographo: crônicas cariocas* (1909), que, “para o brasileiro ultramoderno, o Brasil só existe depois da Avenida Central”. De tal modo, comprova-se o marco desta avenida para a compreensão de um momento importante da nossa história, em que trouxeram de Paris o novo modelo urbanístico, que transformou o centro da cidade. O multissecular modelo de urbanização portuguesa sucedia a espacialidade da urbanização característica dos bulevares de Paris. Surgiram o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, a Cinelândia, o Palácio Monroe – “O Rio civiliza-se”, proclamou o cronista Mendes Pimentel.<sup>4</sup>

Na trilha desse pensamento, no Brasil, os cronistas João do Rio e Carlos Drummond de Andrade, ao lado de outros, como Machado de Assis e Lima Barreto, configuram uma linhagem de cronistas-jornalistas que realizaram uma escrita da cidade com imagens fragmentárias interpretativas às miniaturas metropolitanas. Sob essa acepção, Huyssen expõe questões sobre a vida urbana associadas aos impactos das tecnologias nas ciências, na arquitetura, nas artes, na literatura, na pintura, na fotografia e no cinema.

Não obstante, a proposta de Andreas Huyssen (2015), na obra *Miniature metropolis: literature in age of photography and film*, trata de exemplos de textos curtos que narram impressões da modernidade a partir das transformações do espaço urbano. Na introdução desta obra, o crítico norte-americano se preocupa em cingir contingentes novos e fortes de uma cultura metropolitana como desafio aos estudos humanistas e das ciências sociais.

---

<sup>4</sup> Figura destacada na cena *Belle Époque* carioca. Poeta, romancista, escritor de literatura infantil, ganhou destaque e se perpetuou nos compêndios da literatura brasileira pela máxima “O Rio civiliza-se”. O slogan lançado, como subtítulo da coluna “Binóculo”, que Pimentel assinava no jornal carioca *Gazeta de Notícias* ganha envergadura como palavra de ordem do reformismo reacionário que provoca mudanças na vida carioca, interferindo em hábitos e costumes de seus moradores.



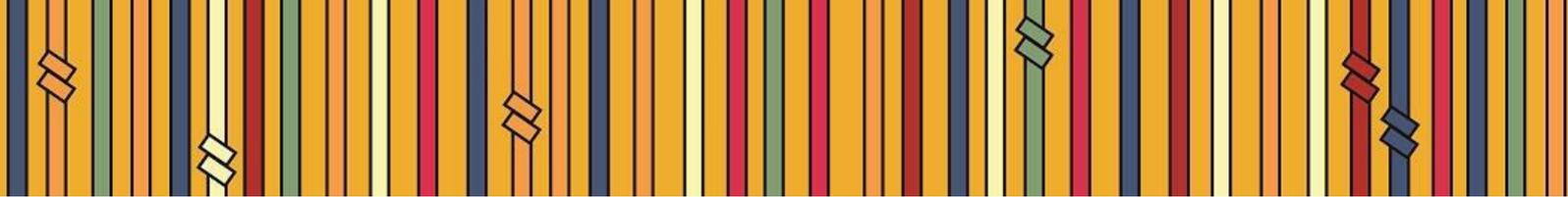
Destaca ainda que Paris, para Baudelaire e Monet; Viena, para Klimt; Londres, para o grupo de intelectuais conhecido como *Bloomsbury*; Berlim, para o arquiteto expressionista Taut, ou para a artista dadaísta Hannah Hoch; Doblin, para Brecht; Praga, para Kafka; e Moscou, para Eisenstein, são exemplos citados por Huysen para apresentar a cidade e seus “espectros” como temas recorrentes a partir de meados do século XIX, influenciados pelas novas formas de publicação em massa e pela competição entre a literatura impressa e as mídias visuais.

Desse modo, as novas mídias, as teorias da percepção e da visualidade e as tipologias de gênero são temas importantes para estudar o mundo moderno e os seus desdobramentos em decorrência de experiências urbanas. Diante desse contexto, defende a tese de que a “moderna literatura metropolitana” não tem sido adequadamente explorada.

*There is no question that our understanding of metropolitan cultures has greatly benefited from such an expanded vision. But so far the triangular constellation of new media, the modern metropolis, and modernist literature has not been adequately explored. By focusing on what I call the metropolitan miniature as a neglected literary form hidden in plain view, this book undertakes the project of reading a selected body of texts written by major authors as a significant innovation within the trajectory of literary modernism (HUYSSSEN, 2015, p. 1-2).*

A partir desse aspecto, este trabalho inscreve alguns cronistas brasileiros como representativos desse gênero, sublinhados por Huysen por considerarem o que afirma o crítico ter sido negligenciado e deixado de ser empreendido como estudo. Centrando-se sobre o que o autor denomina “miniatura metropolitana”, esta perspectiva cumpre com a necessidade de estabelecer a miniatura metropolitana como um gênero literário que foi negligenciado por não ter sido adequadamente explorado. Assim sendo, trata-se de um projeto de leitura de textos escritos por grandes autores como uma inovação significativa na construção do espaço na modernidade, tendo a experiência urbana como foco.

Caberia, desse modo, ao trabalho de Andreas Huysen o papel de ser o primeiro estudo analítico que enfatiza o uso de miniaturas metropolitanas como eixo da escrita relacionada a escritores e teóricos canônicos. Entre eles, cita “from Baudelaire via Rilke and Kafka to Kracauer and Benjamin, Musil and Adorno” (HUYSSSEN, 2015, p. 2). Estes são exemplos de leituras combinadas como pontos de vista comparativos em que



as miniaturas metropolitanas emergem como um gênero inovador criado pela modernidade, com foco sobre a percepção visual. Com o surgimento de novas mídias, tempo e espaço urbano, a miniatura como uma forma de escrita também revela a relação constitutiva entre a literatura modernista e as teorias críticas de pensadores alemães, figuras que contribuíram de modo convincente com esse projeto literário.

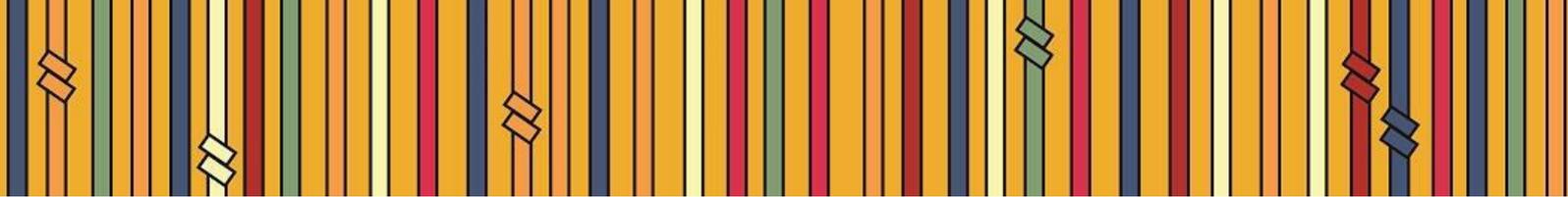
Partindo-se dessas constatações, procura-se, então, apreender o diálogo travado entre as imagens de possíveis miniaturas metropolitanas, a experiência urbana e a crônica como exemplos para um tipo específico de literatura. Nesse sentido, dá-se destaque às crônicas de Drummond, marcadas por uma visão crítica em relação às percepções do cotidiano de uma grande cidade, com suas modificações ou “metamorfoses”. Como exemplo, destaca-se a crônica *Imagens do Rio*, publicada em 20 de janeiro de 1954 no jornal *Correio da Manhã*, em que o autor aponta seu olhar crítico diante da transformação urbana ao ser motivado a refletir sobre essa em razão do aniversário da cidade do Rio de Janeiro.

Pelas contas da prefeitura, que não é r. da história, a cidade faz hoje 387 anos. Que cidade? Guardamos um pouco mais do século XVIII, inclusive o aqueduto levantado pelo nosso maior prefeito de todos os tempos, que é o Conde de Bobadela, criador de tantos serviços urbanos e da primeira tipografia. Mas fizemos o possível para desfigurar as coisas do então, se tira um traço do Passeio Público era uma pena dos arcos (DRUMMOND, 1954).

Ao comentar e devolver ao leitor uma realidade retrabalhada, recriada, Drummond partilha a sua experiência pessoal. Devolvendo os fatos que escolheu comentar por meio da leitura dos jornais, o cronista explica e interpreta os fatos corriqueiros ao leitor, estabelecendo assim entre ambos uma relação de fidelidade. Em seguida, reflete sobre a conservação do espaço da cidade junto com a memória da experiência humana e questiona a conservação de museus, livros e quadros em detrimento dos espaços públicos urbanos.

Vale-se de sua escrita para o jornal para discutir com seus leitores a descaracterização do planejamento de Pereira Passos para o Centro da cidade do Rio de Janeiro.

De nosso bom presidente D. João VI, no século seguinte, conservamos os livros, os quadros, as coleções de museu, mas o que era ambiente imperial se esvai em meio à sujeira das cabeças-de-porco. E do século XX, então, é que não resta mais nada. A obra de Passos está sendo



descaracterizada, a avenida muda de semblante, e Deus sabe o que será o Rio em 1960 (DRUMMOND, 1954, p.6).

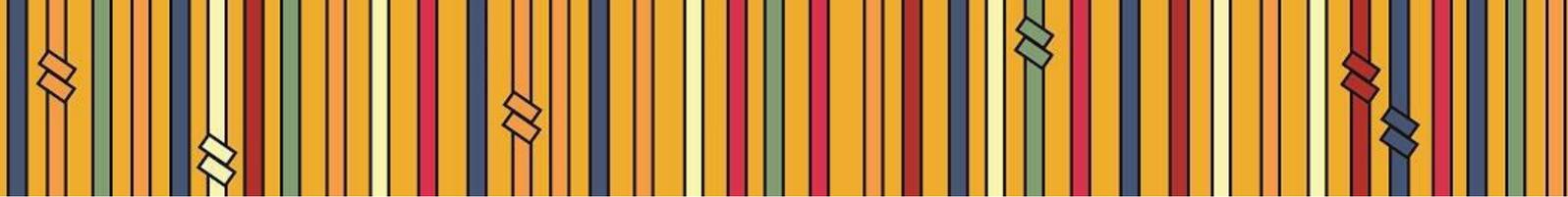
É importante ressaltar que as intempestivas mudanças da cidade, como a reforma de Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro, segundo a historiadora Margarida de Souza Neves, foram uma “reforma urbana” da capital muito setorizada e esteve longe de efetivamente modernizar a capital da República.

As intervenções do traçado urbanístico do Rio, empreendidas por Pereira Passos e realizadas por Paulo Frontin e Francisco Bicalho, estiveram bem longe de “remodelar materialmente a cidade” ou transformá-la em seus usos e costumes”. A reforma da capital federal limitou-se a dois pontos fundamentais: o primeiro, a construção, sobre emaranhado de vielas do centro da cidade, do faustoso cenário parisiense da grande avenida, com seus 33 metros de largura, com seus prédios imponentes, escondiam os telhados “mais ou menos pombalinos”. (NEVES, 1991, p. 14).

Na tentativa de amparar o enfoque apresentado e pensar a cidade com suas transformações, no ensaio *Sobre o conceito de história*, o crítico alemão Walter Benjamin faz uma crítica radical ao pensamento historicista tradicional, que concebe a linearidade histórica com o objetivo de preencher o tempo histórico homogêneo e vazio. Desse modo, aponta que “o passado aparece como uma imagem que perpassa veloz, como fixação rápida e não definitiva tal qual um relâmpago” (BENJAMIN, 1994, p. 224). Nesse contexto, na obra *O pintor da vida moderna*, Charles Baudelaire, escritor que Benjamin utilizou como exemplo para a sua escrita por imagens ao mencionar os desenhos de Constantin Guys, conseguiu fixar em breves traços a vida urbana que perpassa veloz e fixa a imagem do passado como se fosse um relâmpago.

Propõe Benjamin que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi” (BENJAMIN, 1994, p. 225). Significa apropriar-se de uma reminiscência “tal como ela relampeja no momento de um perigo” (*idem*, p. 224). Assim, o crítico, na sua tese de número seis, dentre as onze teses expostas no ensaio citado acima, presume que o materialismo histórico deve:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem no passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem.

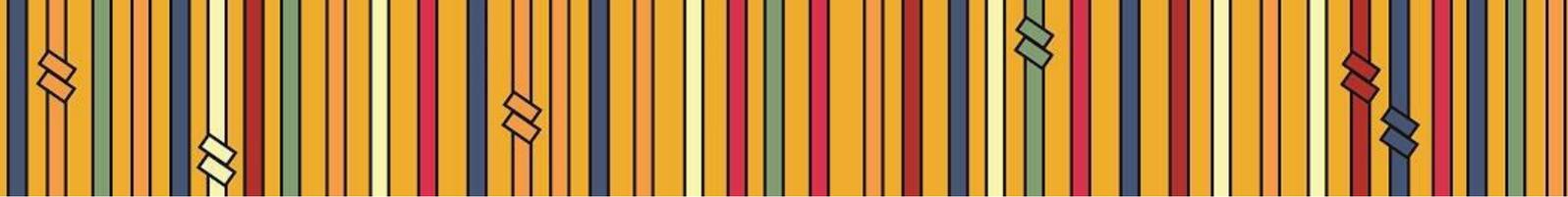


Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela (BENJAMIN, 1994, p. 224).

As ideias de tensionamento de fragmentos da cidade imobilizam o tempo pelo instante em que se consolidam na medida em que Drummond trabalha com o jogo da evocação desses espaços específicos, que repercutem na memória representada em suas crônicas. Dessa forma, os momentos marcados pelos espaços do Hotel Avenida e pela própria Avenida Central sugerem o que Benjamin percebe como uma interdependência entre o instante e o fragmento, no caso, esses espaços como fragmentos da cidade, chamando a atenção para a necessária prevalência do instante na experiência moderna. Assim, o método fragmentário marca a forma de apreender a cidade por meio dos fragmentos citados, como exemplo, na primeira parte deste trabalho, como miniaturas metropolitanas.

Para pensar a montagem como método que caracteriza o instante na modernidade, utilizar-se-á a obra *O cinema e a invenção da vida moderna*, organizada por Leo Charney e Vanessa R. Schwartz, também autores de dois capítulos em que sustentam a tese de que o cinema é fruto de uma mistura de experiências presentes na vida moderna. Assim, as discussões com base nos escritos de Walter Benjamin e George Simmel, em diálogo com autores como Michel de Certeau e Siegfried Kracauer, enfatizam a transformação da experiência subjetiva da modernidade e as transformações sociais, econômicas e culturais são concebidas especialmente como produtos de inovações técnicas e que o cinema se caracteriza por ser “a expressão e a combinação mais completa dos atributos da modernidade” (CHARNEY, 2001, p. 17).

Nessa perspectiva, a modernidade passaria a ser entendida como um registro de experiência subjetiva, caracterizada pelos choques físicos, ou seja, instantes perceptivos do ambiente urbano. Nesse entendimento, destacam-se pensadores como Walter Pater, Walter Benjamin e Jean Epstein, citados por Leo Charney, os quais enfatizam a “categoria do instante”, já perscrutando a possibilidade do resgate da experiência no nível sensorial, com características efêmeras da modernidade, levando à fixação de um momento de sensação. No âmbito cognitivo, ocorre a separação entre a sensação e a cognição, que foi denominada por esses pensadores como instante, sentido somente depois de sua ocorrência. Esses dois aspectos do instante, na perspectiva do moderno, criaram as condições para uma nova experiência no cinema. Vale relacionar os instantes



utilizados pelos cronistas-jornalistas, que narraram nos jornais suas experiências com a cidade transpostas em instantes capturados como *flashes* de experiências no Centro urbano do Rio de Janeiro.

De modo singular, o escritor mineiro, seja em sua prosa, seja em sua poesia, elaborou uma escrita por imagens do passado que narrou acontecimentos grandes e pequenos e conseguiu flagrar imagens do passado que fogem a uma perspectiva linear e continuísta da história. Drummond, então, realiza uma escrita próxima ao que Benjamin discute:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente de seu passado. Isso quer dizer somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos (BENJAMIN, 1994, p. 223).

Benjamin propõe um estado de exceção permanente diferente do imposto pela história universal, que se revela como uma fantasmagoria da tradição dos vencedores. Em suas *Teses*, tem urgência em construir um conceito de história que rompe com a linearidade temporal para obter com os fragmentos imagens que ofereçam alegorias à interpretação.

Na crônica drummondiana, mais do que reviver por meio da prosa, o espaço da memória guarda o passado e estabelece uma relação decisiva para a aceitação do espaço vivido no presente. Todavia, Drummond, de certo modo, rompe com a perspectiva linear da história por utilizar elementos que foram esquecidos por essa. O poeta não deixa de revisitar espaços importantes da cidade e pensa as inquietudes do mundo tendo em vista um “eu todo retorcido pelo mundo” (DRUMMOND, 2005).

Este artigo centrou-se na discussão sobre elementos de aspectos de representação da cidade moderna na prosa de escritores-jornalistas, em especial João do Rio, Lima Barreto e Carlo Drummond de Andrade. Buscou-se, assim, trabalhar com um quadro teórico sob uma perspectiva comparatista que permitisse ler as imagens e as representações da cidade como miniaturas metropolitanas, definidas a partir da profusão da consciência de representar a cidade na literatura, tendo como característica comum serem textos curtos.



Na literatura de João do Rio, Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade, em especial em suas crônicas, outros elementos são considerados para retomar a discussão da metrópole moderna e da experiência urbana. As imagens da cidade moderna expostas na preocupação com as necessidades urbanísticas da população são constitutivas da prosa desses escritores.

Deste modo, foi possível examinar que, na literatura brasileira, a cidade moderna como objeto de reflexão de escritores-jornalistas que se debruçaram sobre o tema e marcaram, em suas obras, diferentes percepções e impressões sobre as mudanças do espaço urbano na modernidade. Para tanto, estas crônicas jornalísticas contribuíram para a representação da memória da cidade ao registrarem a história das pessoas que vivem na cidade e as consequências de sua modernização.

Drummond estabelece a relação entre o Rio e João do Rio, não obstante esta sugestão de estudo visou relacionar outros escritores jornalistas que realizaram escritas sobre a cidade, como o já citado escritor-cronista Lima Barreto. Portanto, caracteriza a especificidade com que trata questões de urbanização, como “estilo” do exercício da sua prosa, que narra a experiência urbana. O cronista toca em questões urbanas e utiliza esta prática literária para discutir temáticas importantes relacionadas à vida na cidade. Sobre o exercício de cronista do cotidiano, Beatriz Resende comenta:

[é] a confluência da tradição, digamos clássica, com a prosa modernista. Finalmente, insistindo no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica, reitera a faculdade do cronista de humanizar o cotidiano, mas lembrando que podem “levar longe a crítica social (RESENDE, 2002, p. 82).

O foco das investigações expostas considerou tópicos como a legibilidade da cidade moderna em narrativas urbanas, promovendo uma representação do imaginário urbano por meio da leitura das crônicas elaboradas para o jornal a partir do exercício metodológico proposto por Andreas Huyssen, Walter Benjamin e Leo Charney, que propuseram métodos de análise sobre a cidade, as experiências urbanas e os fragmentos apreendidos para a compreensão da relação da cidade com seus habitantes. Seja por sua natureza física, seja pela vida social, os textos dos cronistas-jornalistas apresentados compuseram o imaginário nacional, ocupado, não raras vezes, pela cidade como posição central do objeto de reflexão.

## Referências



ANDRADE, Carlos Drummond. *Metamorfoses*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Imagens do Rio, 1º Caderno, 20 jan. 1954.

\_\_\_\_\_. João do Rio na vitrina. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, 13 ago. 1981.

BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas).

CHARNEY, Leo. Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. Cosac e Naify Edições, 2001.

GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio – velas, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

\_\_\_\_\_. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HUYSSSEN, Andreas. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Miniature metropolis. Literature an age of photograph and film*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

NEVES, Margarida de Souza. Brasil, acertai vossos ponteiros. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. *Brasil, acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: MAST, 1991.

RESENDE, Beatriz. Drummond: o cronista do Rio. *Revista USP*, São Paulo, n. 5, 2002.

RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (Orgs.). *Lima Barreto: toda crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. I-II.

RIO, João do. Quando o brasileiro descobrirá o Brasil? In: \_\_\_\_\_. *Cinematographo: crônicas cariocas*. Porto: Chardron de Lello & Irmão, 1909.